

De volta ao futuro da língua portuguesa.

C'cu'f'q'X'UJO GNR'/'Uko r »ukq'O wpf kcrif'g'Guwf qu'f'g'N'pi vc'Rqt wi wgc

Simpósio 37 - Estudos do léxico e de dicionários e ensino de português, 3913-3935

ISBN 978-88-8305-127-2

DOI 10.1285/i9788883051272p3913

<http://siba-ese.unisalento.it>, © 2017 Università del Salento

A VALORIZAÇÃO DO CONTEXTO E DO PRAGMATISMO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS NOS DICIONÁRIOS MONOLÍNGUES E BILÍNGUES

Maria Luisa Ortiz ALVAREZ²⁸

RESUMO

A base cognitiva de uma comunidade linguístico-cultural inclui as representações bem determinadas de objetos culturais, manifestados através do léxico, que registra os conhecimentos sobre aquilo que o homem nomeia a partir da sua percepção da realidade. Segundo Ortiz Alvarez (2007), com o renovado interesse pela linguagem situada socioculturalmente, construída e/ou reconstruída, ressurgiu a percepção da relevância do léxico/expressões idiomáticas (EIs), uma verdadeira marca de identificação social. A EI é definida como uma unidade sintática, semântica e lexicológica, seu significado não pode ser calculado pelos significados das palavras nela contidas, portanto apresenta uma distribuição única e restrita dos seus elementos. As particularidades das EIs abrangem dois vetores: a forma, pois é constituída por um grupo de palavras e o conteúdo que sinaliza o significado idiomático. Assim, devemos considerar a interface idiomática e pragmática que relaciona as características das EIs com o contexto situacional em que são utilizadas, a relação entre o que é dito e o que é implicado e que melhor caracteriza a natureza do seu significado. Partindo desses pressupostos, discutiremos a importância da valorização do contexto e do pragmatismo das EIs em dicionários monolíngues e bilíngues.

PALAVRAS-CHAVE: expressões idiomáticas; contexto; dicionário; pragmatismo; uso.

Introdução

O significado de uma expressão linguística se dá pelo seu uso na linguagem. Os sentidos que são atribuídos a ela, bem como a sua lógica de funcionamento ou técnicas de uso também dependem do contexto e inclui os hábitos e os costumes que temos ou empregamos em meio a proposições e fatos. Isso pressupõe que no uso dos signos de uma língua esteja presente a dimensão pragmática da linguagem (que integra a

²⁸ Doutora em Linguística Aplicada pela UNICAMP. Atualmente Professora Associada da Universidade de Brasília, no Instituto de Letras, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução. Endereço: Colina UnB Bloco J Apto 401. Asa Norte. CEP: 70910-900. E-mail: marialuisa.ortiz@gmail.com.

dimensão semântica e sintática), o uso social que uma comunidade faz dessa linguagem, sendo que esta última passa a usos públicos com os chamados ‘jogos de linguagem’, à qual faz alusão um dos maiores expositores do pragmatismo, o filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein (1889-1951), em suas concepções filosóficas. Na primeira delas afirma que tanto a linguagem quanto o mundo possuem uma estrutura lógica subjacente e é necessário que haja uma correspondência entre linguagem e mundo. Na segunda, desenvolveu a ideia dos ‘jogos de linguagem’ considerando que ao usarmos a linguagem estamos agindo num contexto que envolve diversas práticas sociais. Assim, a linguagem determina, a partir dessas práticas, o modo como uma comunidade age no mundo, significa compreender a linguagem nos seus diferentes usos (Rorty, 1992). Sendo assim, após a *Virada Linguística*, as análises da linguagem se voltam para os usos, os contextos, os falantes e os discursos.

Portanto, é nos contextos de usos que podemos compreender uma palavra, ou uma proposição e que um significado emerge. (Marra Rodrigues, 2010: 5-6). Mas a linguagem também é regida por regras sociais, resultado de uma práxis linguística intersubjetivamente compartilhada que configura uma visão de mundo. O que é afirmado ou pressuposto é realizado ou dito em uma situação de emprego do cotidiano, lugar onde a língua se realiza, em contextos dialógicos, como parte de culturas e formas de vida.

Desta forma, de acordo com Ortiz Alvarez (2011:12-13), a contextualização das expressões idiomáticas (doravante EIs) procura indicar as condições em que se dá a modificação semântica. O contexto situacional nos mostra a convenção de uso dessas unidades, desde que o leitor/ouvinte esteja familiarizado com a situação descrita. Por outro lado, oferece muitos dados sem os quais é difícil chegar não apenas ao sentido, mas também, ao próprio uso da expressão idiomática. Se um dicionário fornece apenas o significado de uma expressão, fora do contexto, o consulente pode não conseguir captar seu sentido, mesmo que se trate de sua língua materna. A interpretação correta, baseadas em costumes, usos, opiniões, escalas de valores, ideologias, pressupõe a compreensão destes âmbitos de origem, portanto de um contexto de cultura.

No entanto, as expressões idiomáticas (doravante EIs), assim como outras unidades fraseológicas (doravante UFs) esporadicamente aparecem nos dicionários de língua (monolíngues ou bilíngues), já que, segundo Rodriguez Reina (2000: 322), a lexicografia não tinha prestado muita atenção à fraseologia, pois os lexicógrafos consideravam as palavras como elementos isolados, fora de todo contexto que ajudasse

a dar com precisão o seu significado. Atualmente, embora o panorama seja um pouco diferente, percebemos que as UFs, mesmo as que são compiladas em obras fraseográficas, ainda aparecem descontextualizadas, o que não permite que o consulente tenha acesso ao seu significado idiomático.

Nas últimas décadas tem se reconhecido o papel fundamental que desempenha a fraseologia na lexicografia e na fraseografia monolíngue e bilíngue. Nesse sentido Krzeszowski (1990: 71) afirma:

All such combinations of linguistic units, which also function as words [...] and which express fixed integrated notions naturally fall within the scope of lexicology, and it would be useless and impractical to pretend that they do not.

Contudo, se observa que nos dicionários monolíngues e bilíngues, a inclusão de UFs ainda é um problema por alguns motivos: a) na macroestrutura, a questão principal é a delimitação das unidades que serão nela incluídas; b) é necessário ter clareza sobre qual a composição lexical da unidade, essencialmente das EIs, pois, conforme Tristá Pérez (1998 *apud* Alves, 2014: 94), o equívoco em determinar os componentes de uma UF pode modificar sua categoria gramatical (se uma UF com função de advérbio é apresentada como verbal, por exemplo), além da preocupação com relação à palavra-chave da expressão (a primeira palavra plena, a palavra considerada o “centro semântico” da unidade, o substantivo, o verbo, o adjetivo, etc.); c) a classe gramatical que pode variar de dicionário para dicionário ou de língua para língua, a preferência do autor, assim como os critérios adotados a respeito; d) a concepção de fraseologia assumida (a ampla ou a estreita; a ampla inclui, além das UFs, os enunciados fraseológicos, tais como, aforismos, refrões, frases proverbiais, etc.; a estreita só inclui as combinações que equivalem a um sintagma); e) determinar se o lema que aparecer na entrada for independente, colocado por ordem alfabética e se tiver um sistema de remissivas ou puder ser registrado em todos esses lemas; f) não menos importante é o registro de variantes, por exemplo, *não meter o bedelho* (*não meter o nariz*), pois algumas podem ser usadas indistintamente sem perderem o seu significado idiomático, pois algumas expressões, dependendo das marcas de uso, das variantes linguísticas e do estilo podem ser utilizadas em determinados contextos e em outros não. Com relação à microestrutura, é necessário levar em consideração que tipo de informação fraseológica (semântica) será incluída, assim como as marcas de uso. A explanação do significado é

essencial para poder entendê-las, pois é global e metafórico, daí a importância da sua contextualização, desde que sejam bem exemplificadas.

1. As expressões idiomáticas

Alguns dos traços que identificam o sistema fraseológico são: 1) a organização das unidades fraseológicas em estruturas sintáticas (combinações de palavras ou orações); 2) a metaforização, característica fundamental dessas unidades, onde pelo menos um dos elementos da combinação sai dos marcos das regras gerais; 3) a presença de uma categoria semântica especial de significado fraseológico e; 4) o contexto onde elas são utilizadas.

Corpas Pastor (1996: 19-20), por sua vez, enumera cinco características básicas das UFs: 1) são expressões formadas por várias palavras; 2) estão institucionalizadas, ou seja, se tornam convencionais devido ao uso frequente; 3) possuem estabilidade, pois seus componentes mantêm certa ordem; 4) apresentam algumas particularidades semânticas ou sintáticas. Em outras palavras, podem apresentar algumas peculiaridades como: significado metafórico ou figurado, apesar de não ser essa uma característica de todas as unidades fraseológicas; 5) podem sofrer modificações nos elementos que as integram. A possibilidade de variação de seus elementos pode ser motivada por variantes lexicalizadas na língua ou devido a modificações ocasionais em contexto. Tristán Pérez (1988), a exemplo das pesquisadoras acima citadas, destaca como principais características a pluriverbalidade, a estabilidade e a figuratividade, enquanto outros argumentam que são a fixidez e a idiomaticidade.

Biderman faz algumas distinções com relação às unidades fraseológicas (1999: 751):

As expressões idiomáticas são expressões semanticamente opacas, cujo significado não depende do sentido de cada um dos seus componentes. Por outro lado, *colocações* são sequências semanticamente transparentes, formadas de itens lexicais que geralmente concorrem.

A autora compara as EIs com as colocações e qualifica as primeiras como opacas do ponto de vista semântico e as colocações como transparentes e ainda menciona os graus de cristalização. Com relação à opacidade e à transparência nós não concordamos plenamente com a autora, pois muitas EIs são transparentes porque a

metáfora que as transforma em imagens figuradas é (re)conhecida por aqueles que já tiveram oportunidade de cristalizá-la dentro do seu repertório lexical ou porque o contexto de uso as faz transparecer.

Para Xatara (1995:207), uma EI é um sintagma metafórico, cristalizado em um idioma pela tradição cultural, ou seja, consagrado pelo uso, pela frequência do emprego (tendo passado do individual para o social). Jorge (1997:371) define EI como um signo polilexical, uma unidade sintática, lexicológica e semântica cujo significado não pode ser calculado pelos significados das palavras contidas na expressão e apresenta uma distribuição única ou muito restrita dos seus elementos lexicais. Ortiz Alvarez (1998:103) afirma que a EI é uma combinação (sintagma) metafórica que se cristalizou pelo uso e frequência de emprego (passando do individual para o social) numa determinada língua, apoiada na sua tradição cultural. Do ponto de vista semântico, numa EI o significado dos seus elementos constituintes não corresponde ao sentido global, não é igual à soma do significado das partes, isto é, sua interpretação semântica não pode ser calculada a partir da soma dos seus elementos. Assim, as EIs passam por dois estágios, o primeiro é o processo de cristalização que as torna estáveis em significado e o segundo é a frequência de seu emprego. Segundo Jorge (2001:216), elas descrevem, pelas imagens que sugerem, o mundo real, os lugares, as experiências quotidianas, os sentires [...] Mantêm intacto o colorido de um povo, constituem uma voz rica de sabedoria que soube imprimir na linguagem a sua identidade.

Outra característica das EIs, a conotação, é que faz com que uma expressão seja reconhecida como idiomática, ou seja, o sentido literal de uma sequência de itens lexicais dá lugar ao metafórico. Entretanto, para que uma lexia complexa possa ser denominada idiomática, não basta ser indecomponível e conotativa. É importante também que esteja cristalizada em uma cultura. Consequentemente, a cristalização de uma EI também que garante sua inclusão nos dicionários. Uma das características mais marcantes dessas expressões é a convencionalidade que, segundo Tagnin (1989: 17-18) tem vários níveis em que ocorre: no nível sintático, no semântico e no nível pragmático. No nível sintático podemos falar da combinabilidade, da ordem e da gramaticalidade. A autora afirma que a ordem dos elementos, por exemplo, pode ser resultado da própria convenção (*prometer villas y castillas* (espanhol de Cuba) *prometer mundos e fundos* (português), não poderia ser *prometer castillas y villas*, nem *prometer fundos e mundos*. Já no caso da gramaticalidade há expressões que, desafiando qualquer explicação gramatical, se tornaram consagradas pelo seu uso, pois foram aceitas pelos falantes de

todo e qualquer tipo de nível sociocultural, por exemplo, *dourar a pílula, engolir sapo* (português); *hacerse el chivo loco, tragar en seco* (espanhol de Cuba); com relação ao nível semântico, a convencionalidade aparece dentro de uma relação não motivada entre a expressão e o seu significado, por exemplo, *bater as botas, esticar o pernil* (português); *cantar el manisero, largar el piojo* (espanhol de Cuba) que significa morrer. O significado de uma imagem também pode ser convencionalizado (*levantar os ânimos, estar na fossa*). Já o nível pragmático está relacionado ao aspecto situacional, que depende de um certo comportamento social onde se escolhe a expressão a ser empregada, de acordo com a ocasião.

Glucksberg (2001) acredita que a melhor maneira de observar as mudanças e as características nas expressões idiomáticas é a partir de uma perspectiva pragmática, pois dentro desta abordagem, elas são analisadas não somente com relação a sua forma, mas também de acordo com a intenção do falante e das informações contextuais em que a expressão é utilizada.

2. Contexto e uso

Se todo discurso tem a configuração de uma intencionalidade comunicativa, ao interpretá-lo, procura-se recuperar essa intencionalidade, a partir da relação entre as proposições colocadas na situação de comunicação e o conhecimento partilhado que se tem do mundo, o que permite estabelecer várias coerências em níveis linguísticos e pragmáticos. Em um dado contexto, uma palavra, ou uma frase, pode adquirir uma conotação que, em outro contexto, poderá transmitir um conjunto diferente de sugestões ou alusões. Parte-se do princípio de que não há frases isoladas, pois todas fazem parte de um contexto.

Em geral, se entende por contexto, em Linguística, o conjunto de conhecimentos e crenças compartilhado pelos interlocutores e tido como pertinente para eles produzirem e interpretarem seus enunciados numa situação de comunicação. Há três tipos de contexto: o linguístico, o situacional e o sociocultural. O primeiro está formado pelo material linguístico que precede e segue o enunciado e é chamado de cotexto, o segundo, o contexto situacional, é o conjunto de dados acessíveis aos participantes de uma comunicação que se encontram num contorno físico imediato. Em termos

pragmáticos, uma pergunta impõe-se a todos como um ato de fala ritualizado que demanda sempre uma resposta, que só pode ser definida em função do contexto e dos participantes do ato interativo. Finalmente, o contexto sociocultural é a configuração de dados que procedem de condicionamentos sociais e culturais acerca do comportamento verbal dos interlocutores que se comunicam nesse espaço-tempo, logo a sua adequação a diferentes circunstâncias. Há também regras sociais que determinam qual seria o tratamento ou registro linguístico que deve se usar em cada tipo de situação. Toda frase, independente de seu contexto, não tem um significado final em si mesma, devendo ser atualizada no e pelo contexto. O sentido pode ser considerado como um componente do uso linguístico em uma dada situação e, nesse caso, vale tanto para o sentido literal (denotativo) como para o figurado.

Os contextos socioculturais contribuem ativamente na interpretação de enunciados. Um dos seus aspectos mais importantes está constituído pelos marcos de referência (frames): os enunciados se interpretam sempre dentro de um marco metacognitivo que classifica a situação comunicativa e o papel dos participantes. Os marcos identificam se falam sério, se são irônicos ou se há um certo humor e geram expectativas e pressuposições sem as quais seria impossível produzir e interpretar a linguagem. Nesse sentido Levinson (1989:46) ressalta que para participar do uso cotidiano da linguagem, temos que ser capazes de fazer tais cálculos tanto na produção como na interpretação de mensagens. Esta capacidade é independente das crenças, sentimentos e usos idiossincráticos (...) e se baseia, na maior parte, em princípios bastante regulares e relativamente abstratos. A nossa capacidade pragmática nos permite construir enunciados, isto é, discursos que formam parte de redes de discursos e nos permite interpretar os enunciados alheios. Assim, a pragmática trabalha com enunciados construídos e tende a concentrar-se no estudo dos processos inferenciais (mecanismos inferenciais que fazem possível a comunicação) e pelos quais compreendemos o implícito, além do significado contextual. O contexto pragmático é, então, constituído pelo conjunto de informações (conhecimento de mundo e da situação, crenças) partilhadas por falante e ouvinte, e inferidas no ato da comunicação.

Grice (1975) delinea a Teoria das Implicaturas Conversacionais, que analisa o que os ouvintes fazem para captar o significado completo da mensagem quando os falantes querem comunicar algo a mais do que estão efetivamente dizendo. Conforme o autor, não existe acaso e, portanto, as informações transmitidas são intencionais. Além disso, afirma que há distinção entre o que é dito e o que é implicado. “O que é dito”,

para Grice, obviamente também é intencional e está ligado ao significado “convencionalmente” atribuído a uma frase, mas não se identifica necessariamente com ele porque, segundo o autor, há implicaturas convencionais.

Por exemplo: “Ela tem a *faca e o queijo na mão*, mas como tem *minhoca na cabeça e não tem jogo de cintura*, vai perder a chance de ganhar o emprego”. O locutor quis dizer que uma determinada pessoa tem todos os instrumentos e possibilidades (um bom curriculum, talvez) para ganhar um emprego e implica convencionalmente (através do significado de “mas”) que há um contraste entre o fato de ter todas as possibilidades de ganhar e o fato de não ter jogo de cintura. Logo pode-se inferir, a partir do modelo de Grice (1975), que as EIs serão compreendidas se forem interpretadas através do processo inferencial griceano, já que o seu sentido idiomático está no nível do que é implicado, pois seu sentido figurado é implícito. Segundo Leme (2008: 85), “a compreensão do significado não literal das EIs se relaciona com a Teoria das Implicaturas de Grice, pois o modelo investiga as informações transmitidas a partir do que foi dito pelo falante e também através das informações extraliterais, contemplando assim, a totalidade do significado de uma EI que se constrói com informações que estão além do que sua estrutura contém”. Portanto, é possível afirmar que a natureza do significado das EIs idiomáticas não se esgota no nível sintático ou semântico, já que o contexto comunicacional é sempre levado em conta durante o processo de interpretação e compreensão.

As expressões idiomáticas “*armar um barraco*”, “*chutar o pau da barraca*” “*rodar a baiana*”, por exemplo, que significam fazer confusão, briga podem ser facilmente mal interpretadas por um hispano-falante, uma vez que elas dependem de um contexto específico para fazer sentido. No caso da expressão *rodar a baiana*, é preciso ter alguns conhecimentos extralinguísticos para poder entender seu significado metafórico, pois não são expressões transparentes.



Armar o barraco



Rodar a baiana



<https://www.google.com.br/search?q=rodar+a+baiana+origem=armar+um+barraco>

<https://www.google.com.br/search?q=rodar+a+baiana+origem>

Neste trabalho resolvemos trazer a Teoria das Implicaturas com o objetivo de mostrar a importância e valorização do contexto e pragmatismo das EIs de outras UFs nos dicionários em geral.

3. Os dicionários

Os dicionários são criadores, tanto de ilusões quanto de desilusões, transformando-se, de alguma maneira, em objetos míticos: aquilo que está neles está bem dito, o que não está, não. **Manuel Alvar Esquerre (1993)**

O dicionário é um “repertório de palavras, organiza-se, na maioria das vezes, por ordem alfabética para facilitar a consulta. Nele há informações gramaticais, semânticas, pragmáticas discursivas e socioculturais”. (Pontes, 2009: 24)

De acordo com Biderman (2001:131), o dicionário pode ser definido como “uma organização sistemática do léxico, uma espécie de tentativa de descrição do léxico de uma língua”. A autora (1998:165) também o define como porta voz da sociedade, como aquele que deve registrar o uso da língua consagrada pelos escritores bem como os usos linguísticos correntes. E ainda ressalta que [...] “ele deve descrever também os diferentes níveis de linguagem, os registros sociais e, assim, não só identificar o vocabulário, mas também os usos marcados como típicos da linguagem coloquial, apontando os itens lexicais característicos de um uso popular, vulgar, chulo, as gírias e palavras e expressões obscenas”. (BIDERMAN, 1998:166). Ela também (op. cit.) enfatiza que o dicionário retrata a cultura de certa comunidade linguística, além de traduzir os modos de dizer, dessa comunidade nas suas mais variadas formas e peculiaridades o que mostra a dinamicidade da língua. Assim, o dicionário faz parte da cultura e da identidade dos povos.

Para Hernandez (1989:32) a função do dicionário é a de proporcionar informação ao usuário com o fim de facilitar a comunicação linguística. Ele é, fundamentalmente, uma obra de consulta, um instrumento didático e até um objeto sociocultural de consumo. Como se percebe, o dicionário, além de ser um livro de consultas, é uma obra pedagógica e de representação cultural de uma determinada comunidade. No entanto, Alcaraz (2006) chama atenção para a necessidade de que o dicionário seja para o falante um instrumento norteador, não um guia a ser cegamente

seguido, pois possui limitações. É claro que em muitos casos uma consulta não será suficiente para se resolver problemas relativos à significação, principalmente quando há ausência de contexto, porque, segundo Alcaraz (2006:122), as palavras,

[...] não são átomos à deriva no vasto universo linguístico; são, antes disso, elos que ocupam um lugar específico no tecido da linguagem, e, se mal colocadas, perdem seu valor, chegando a causar problemas de interpretação na comunicação oral e escrita.

De acordo com Biderman (2001:140), ao se elaborar um dicionário, a primeira questão colocada é a identificação da unidade léxica que constituirá o *lema* ou *entrada*. A autora argumenta que o reconhecimento de unidades lexicais complexas “é um problema espinhoso, pois sua identificação constitui uma séria dificuldade teórica”. De acordo com a pesquisadora, cabe ao lexicógrafo decidir se as lexicais complexas compuserem a macroestrutura do dicionário aparecendo como entrada, ou se forem incorporadas a outros verbetes como subentradas dos mesmos.

Teóricos da área compartilham seus pontos de vista sobre a distinção entre dois tipos de dicionários, o monolíngue e o bilíngue. Em geral, apontam que a diferença primordial entre os dicionários monolíngues e os bilíngues consiste na explicação apresentada. Nos monolíngues a explicação toma a forma de definição enquanto nos bilíngues é constituída de um ou mais equivalentes na língua meta. Por outro lado, o dicionário bilíngue não visa a uma simples enumeração de equivalentes, mas tem por finalidade assegurar precisão na tradução de termos que melhor designem, na língua de chegada, a noção apresentada na língua de partida (Xatara, 1998). Schmitz (2001: 163) afirma que “o grande problema com o dicionário bilíngue é sua limitação no que diz respeito ao número de vocábulos arrolados e a má qualidade das definições apresentadas”. Tosqui (2002), por sua vez aponta como deficiência o limitado espaço destinado aos vocábulos, já que dita limitação faz com que sejam abolidas as explicações e contextualizações, logo o consulente é obrigado a deduzir o significado apropriado. Sobre a estrutura, Borba (1993:7) acredita que “um dicionário que tenha a presunção de captar o signo em ação contemplará as três dimensões da linguagem: sintática, semântica e pragmática”.

Mas o significado fraseológico é um dos problemas mais complexos que enfrenta o fraseógrafo, pois são unidades lexicais do discurso que às vezes equivalem a um enunciado. Os dicionários bilíngues devem oferecer um equivalente em L2 que possa cobrir todas as propriedades semânticas, pragmáticas e comunicativas da unidade

fraseológica da L1. Por outro lado, contamos com dois tipos de equivalência dependendo do seu campo de aplicação, a equivalência semântica ou funcional, finalidade da fraseologia contrastiva, definida como equivalência do significado das unidades linguísticas, isto é, o significado idiomático ou fraseológico e se estabelece no nível da língua; a segunda, meta da tradutologia, se realiza em nível de fala, portanto os aspectos pragmáticos têm um papel importante, dentre eles a situação comunicativa, registro, marcas estilísticas, etc. A fraseografia recorre a ambos os tipos de equivalência.

Na microestrutura dos dicionários, sejam eles monolíngues ou bilíngues, os problemas da fraseologia estão relacionados, dentre outros, com: a) a lematização das unidades fraseológicas; b) o seu lugar na microestrutura; c) a sua marcação gramatical; d) seus contornos ou elementos facultativos; e) suas variantes f) o seu significado g) o contexto de uso. Silva (2011) elenca alguns parâmetros básicos no caso de ser analisado em um dicionário a inclusão de UFs: 1) a concepção de fraseologia adotada e as informações fornecidas nesse respeito); 2) a seleção quantitativa e qualitativa das UFs; 3) os critérios de registro dos lemas (também apontado por Tristán Pérez (1998)) e o grau de homogeneidade destes critérios, incluindo a análise das variantes; 4) a organização das UFs e das acepções; 5) a qualidade das definições; 6) o uso de marcas gramaticais e diassistemáticas, sua coerência e pertinência; 7) o uso de exemplos de acordo com as funções que desempenham; 8) as informações sobre relações semânticas entre as unidades (sinonímia, antonímia, etc.), critério intimamente relacionado à questão da variação. Assim, para realizar a nossa análise dos dicionários levaremos em consideração esses critérios acima elencados.

Análise

Para este trabalho foi feita uma pesquisa em seis dicionários, três bilíngues e três monolíngues para identificar em quais deles são contextualizadas as expressões idiomáticas e se os exemplos colocados permitem que o consulente possa descobrir o seu significado. Assim, os dicionários fonte foram:

Dicionários monolíngues

Diccionario del Español de Cuba: español de Cuba: español de España de Gisela

Cárdenas Molina, Antonia Maria Tristán Pérez e Reinhold Werner. Madrid: Gredos, 2000; *Diccionario de Locuciones nominales, adjetivas y pronominales para la enseñanza del español* de Inmaculada Penades Martínez. Madrid: Arco Libros, 2008; *Diccionario fraseológico documentado del español actual: locuciones y modismos españoles* de Manuel Seco, Olimpia Andrés, Gabino Ramos. Madrid, Aguilar Lexicografía. 4ª edição, 2009.

Dicionários bilíngues

Novo PIP Dicionário de Provérbios, idiomatismos e palavras em usos francês-português, português-francês de Claudia Xatara e Wanda Leonardo de Oliveira. 2ª. Edição estruturada. São Paulo: editora de Cultura, 2008; *Dictionnaire phraséologique thématique français - espagnol*, de Vilmos Bárdosi e Maria Isabel González Rey. Lugo. Editorial Axac, 2012; *Idiomatik Deutsch – Spanisch* de Hans Shemann, Carmen Mellado, Patricia Buján, Nely Iglesias, Juan P. Larreta, Ana Mansilla. Hamburg: Helmut Buske Verlag, 2013.

A escolha dos dicionários analisados obedece, primeiro, ao critério de acessibilidade e, em segundo lugar, deveriam ser fraseológicos, especificamente, embora um deles tenha uma proposta diferenciada, o *Diccionario del Español de Cuba*.

O *Diccionario de locuciones nominales, adjetivas y pronominales para la enseñanza del Español* é o terceiro e último volume de uma trilogia, todos os três da autoria de Inmaculada Penades Martínez. Na Espanha geralmente a nomenclatura adotada para se referir às EIs é a de *locução* utilizada anteriormente por Casares (1950). A autora logo no início esclarece que as unidades escolhidas são típicas do espanhol peninsular e correspondem às locuções que equivalem a um sintagma nominal ou a um nome. As definições são contextualizadas com exemplos de uso, a maioria extraídos do *Corpora de Referencia del Español Actual* (CREA), da Real Academia Española, assim como de outros corpora de língua oral. Foram também incluídas locuções sinônimas e antônimas, complementadas com informações gramaticais, pragmáticas e de outro tipo que possam ser do interesse do consultante. O dicionário inclui 1249 locuções, 600 nominais, 584 adjetivas e 65 pronominais, todas organizadas por ordem alfabética pela primeira palavra da locução. Com relação à microestrutura, cada entrada está constituída pelo lema que pode corresponder a uma locução que tenha somente uma

acepção ou pode incluir todas aquelas acepções com lemas idênticos, todas com seus respectivos exemplos de uso.

Como exemplos de uso e contextualização no dicionário temos:

malas pulgas *f.*- inf.(B2) Mal gênio. El padre mira a la madre con cara de *malas pulgas*. Me abrió la puerta una señora de mediana edad y *malas pulgas*. Se construye generalmente con el verbo **tener**. Seguramente le ha dejado su novia y *tiene malas pulgas*. El elemento *malas* de la locución puede ir modificado por el adverbio *muy*. Mi acompañante ponía cara de *muy malas pulgas*. El elemento *malas* de la locución puede ir modificado por el adverbio *muy*: Mi acompañante ponía cara de *muy malas pulgas*.

Bicho raro *m.* - inf. (B1) Persona cuyo carácter o comportamiento se aparta de lo normal. Yo no sé, a lo mejor soy *un bicho raro*; Cuando había una persona que tenía una alergia determinada, pues parecía que era un *bicho raro*, hoy en día casi vamos a ser *bichos raros* los que no tenemos alergias. O signo (B1) e (B2) indica que seria o nivel para o aprendizado desse tipo de expressão.

O *Diccionario fraseológico documentado del Español actual: locuciones y modismos españoles* é uma das obras fraseológicas mais completas da língua espanhola. Contém 16.000 unidades e variantes, um número alto de expressões de uso do espanhol contemporâneo, comprovadas e acreditadas com depoimentos escritos dos últimos cinquenta anos, segundo o autor. Aqui também é utilizada a nomenclatura de *locução*. No caso da palavra *modismo*, foi acrescentada à palavra *locução*, mas os autores esclarecem que embora sejam consideradas por alguns lexicógrafos vozes equivalentes de fato não são, pois *modismo* evoca a noção de expressão imaginativa, pitoresca ou folclórica, peculiar de uma determinada língua. Além das locuções foram incluídas outras UFs. O adjetivo *documentado* no título é utilizado, já que foi contextualizado a partir de uma documentação real de uso escrito. Não foram incluídas locuções de outros idiomas, nem refrões, nem combinações fixas.

A informação que o dicionário oferece é: 1) variantes possíveis da locução; 2) categoria da locução, gênero, tipo; 3) nível de uso (coloquial, popular, vulgar, gíria, juvenil, literário, humorístico, irônico, etc); 4) a definição indica os elementos que não formam parte do significado, mas sim do contexto em que é utilizada a locução; 5) as citações dos textos têm base documental, mostram de onde foi extraída a locução e o seu funcionamento dentro de um contexto real. Todas as locuções aparecem na entrada pela palavra-chave, por ordem alfabética. Os autores utilizam a chamada palavra-

entrada que pode ser um substantivo, um verbo, um advérbio, etc., por exemplo, a entrada CABEZA. Cada entrada tem o texto e a página de onde foi extraída a locução.

agachar (bajar) la cabeza *v* (col) conformarse o someterse. RBuded *Charlatán*, 195: Ustedes me dicen que cubra un paño de gris naval, yo *agacho la cabeza...* y lo cubro. [Un pintor].

caberle (o entrarle) en la cabeza *v* (coloq.) resultar[le] comprensible. Normalmente se utiliza en construcción negativa. CBonald *Noche* 179: A mi *no me cabe en la cabeza* que tengáis que estar todo el tiempo reventando los caballos.

ser el acabose *v*. (coloq.) *ser el colmo* lo que ya no se puede superar. Se utiliza referido a pessoa ou coisa. Ser el fin de todo. Estas niñas de ahora *...son el acabose*. Yo al menos no los entiendo.

llevar la batuta *v* llevar el mando o la dirección. Delibes *Madera* 280: Haz lo que juzgues conveniente, Felipe. Tú has *llevado la batuta* desde el principio en esta desgraciada etapa.

O *Diccionario del Español de Cuba: español de Cuba: español de España* de Gisela Cárdenas Molina, Antonia Maria Tristán Pérez e Reinhold Werner é o primeiro da série Dicionários Contrastivos do Espanhol de América, fruto de um projeto de pesquisa com sede na Universidade de Augsburg. Sua intenção é puramente descritiva (não se propõe propagar norma linguística nenhuma, portanto não atende a nenhum critério de restrição, seu objetivo é informar sobre elementos léxicos do espanhol tal e como se fala e se escreve em Cuba); sua orientação é sincrônica (tenta descrever o uso atual das unidades escolhidas, não se interessa com a origem delas, nem com a sua evolução histórica, nem se pertenceram ao espanhol peninsular). A sua informação diacrônica se restringe às questões estilísticas ou que indiquem que são obsoletas. Há observações esporádicas sobre a motivação semântica de uma UF que tenha uma metáfora que não seja transparente para o falante cubano ou uma realidade que requeira de conhecimentos linguísticos e extralinguísticos que dificultariam a compreensão do significado da expressão. Os critérios de seleção das unidades foram: geolectal, difusão geográfica mínima, atualidade e frequência mínima, restritivo com relação ao vocabulário onomástico. Cada entrada é um lema com a definição com informação semântica e pragmática, marcas de uso, valor estilístico e restrições de uso determinadas por fatores sociais e situacionais, utilizando todas as expressões sinônimas possíveis.

Exemplos:

agua *f* Estado de embriaguez. *Curda, bufa, carga; guarapeta; jaladera; jalado; juma; nota; tono; vacilón, tumbao. Agarrar un agua; (sin).calentarse el pico; coger una nota; enguarapetarse; jalar. agua de churre. Café aguado sin aroma (agua de chirle; agua de jeringa. cambiarle el agua a los pececitos.- Orinar. como agua para chocolate.- coloq.* se refiere a una persona furiosa **(sin)**(*estar a mil; estar a millón*); *cortar el agua y la luz.- dejar de ayudar; descubrir el agua tibia.- presentar como novedad algo que ya es conocido. entrarle agua al bote.- asunto que se torna difícil. ponerse malo el mantecao; (sin)quedarse el fogón sin leña; caerle comején al piano; cerrarse el cuadro; cerrarse el dominó; ponerse el dado malo; caerle bicho al tabaco; trancar el dominó; hacerse agua el cerebro. – pensar insistentemente en la manera de resolver un problema (sin) romperse el coco; jugar agua .- bañarse (sin) jugar a los bomberos; tirarse un baldeo; pedir el agua por señas.- estar en una situación económica difícil (sin) no tener donde caerse muerto; vivir del aire; comerse un cable; comer tajada de aire; pasar el Niágara en bicicleta; estar atrás; saber por donde le entra el agua al coco.- ser astuto, ser experto) (sin) saber más que la bibijagua.*

ser arroz con mango.- coloq Situación en la que imperan la confusión y el desorden. situação em que impera o desordem e a confusão **(sin)** *choricera; despelote, jelengue; guararey; rebambarambara; recholata; recholateo; revolico; titingó.*

Dicionários bilíngues

O *Dictionnaire phraséologique thématique français - espagnol*, de Vilmos Bárdosi e Maria Isabel González Rey tem como objetivo oferecer ajuda útil e prática para hispano - falantes na compreensão e usos de frases franceses (BRADOSI E GONZÁLEZ REY, 2012:8). Ao contrário da maioria das obras lexicográficas e fraseográficas, este dicionário não segue uma ordem alfabética, pois o critério de organização é a disposição temática conceitual das locuções francesas, para, segundo as autoras, *fomentar mais seu uso ativo e produtivo*. É realmente um método bastante inovador, a partir de conceitos - chave. As áreas temáticas constituem as 25 entradas que compõem a obra. Algumas locuções aparecem em várias entradas, mas com significado ou contexto de uso diferente. Os lemas trazem a definição em francês com seu equivalente em espanhol e em alguns casos há uma explicação sobre a origem da locução. As áreas temáticas obedecem a um índice alfabético que facilita a sua identificação e procura, assim como um índice unificado das locuções francesas e seus equivalentes espanhóis. O princípio básico organizador das entradas é baseado na

sinonímia ou associação dos conceitos - chave, por exemplo, *sympathie – amitié – amour – galanterie – mariage – famille*.(op. cit.: 10), em primeiro lugar aparecem, de acordo com o valor estilístico, as locuções literárias, em seguida as neutras, as coloquiais e por último as vulgares. No final do dicionário aparece um índice alfabético das locuções. As definições são paráfrases fáceis de entender e especificam com a maior exatidão as regras de uso gramatical e pragmático da locução. O dicionário também traz notas explicativas nas duas línguas. Foram selecionadas aproximadamente mil expressões das mais frequentes e produtivas da língua francesa atual, locuções verbais e adverbiais e locuções de tipo comparativas e apenas algumas locuções substantivas, como por exemplo, *(avoir) une mine de papier mâché ‘tener cara de acelga’*, que se tornaram substantivos metafóricos comuns. Nesse caso, foram consideradas como locuções substantivas aquelas que utilizam os verbos *avoir* ‘ter’; *être* ‘ser’; *devenir* ‘llegar a ser’. São incluídas locuções literárias e locuções coloquiais e algumas vulgares, do ponto de vista estilístico, embora a maioria seja de valor neutro ou levemente coloquial. O dicionário não contextualiza as locuções com exemplos de uso.

Exemplos:

<p>ÉNERGIE, FERMETÉ, DÉTERMINATION</p>
--

FAM. **péter le feu** ***

RARE, FAM. **péter du feu** *

= avoir une grande énergie, une activité débordante ♦ tener mucha energía, una actividad desenfadada.

~ *echar* (alguien) *chispas*; *estar* (alguien) *que se sale*

avoir quelque chose dans le ventre **

= avoir de l' énergie, de la volonté [en opposition avec: *ne rien avoir dans le ventre* ‘marquer d’ énergie, de volonté’] ♦ tener energía, voluntad [opuesto a: *ne rien avoir dans le ventre* ‘faltarle (a alguien) energía, voluntad]

~ *tener* (alguien) *agallas*; *tener* (alguien) *estómago*; *tener* (alguien) *riñones*

O *Idiomatik Deutsch – Spanisch* de Hans Shemann, Carmen Mellado, Patricia Buján, Nely Iglesias, Juan P. Larreta, Ana Mansilla reúne 33.000 expressões, o que, segundo Shemann, representa provavelmente o inventário de fraseologismos do alemão atual. A entrada traz a expressão em alemão e logo o seu equivalente em espanhol. Algo que merece a pena destacar é a intenção de informar ao consulente se a EI é usual ou se seu uso é restringido e, além das indicações de registro e estilo (literário, coloquial, familiar vulgar, etc.), também se observa a marcação de acordo com critérios retóricos. As expressões que são pouco usuais vão acompanhadas da marca correspondente e no

caso de apresentarem várias marcas, são reproduzidas conjuntamente. Também se destaca se o uso da expressão deve ser considerado como normal (não marcada), ou não. Assim, as indicações estilísticas, retóricas e pragmáticas tentam aproximar o leitor, na medida do possível, ao uso real da língua. Os verbetes fornecem várias neste caso são de caráter sociolinguístico (caráter formal, coloquial, etc.) marcas ou particularidades de uso (frequência), informações de caráter pragmático, sempre com exemplos de uso.

O Dicionário traz sistema de remissivas com expressões sinônimas ou quase sinônimas que indica, sempre que possível, qual expressão é mais habitual. A ordem alfabética de acordo com a categoria morfológica mais marcante na expressão, apoiados na hierarquia e categoria da língua (substantivo, verbo, adjetivo, advérbio, pronomes, partículas, etc.), são princípios categoriais e não funcionais. No caso, por exemplo, em que a expressão não contenha nem substantivo, nem verbo, o elemento determinante será o adjetivo, se houver, ou o advérbio, por exemplo, **Wieder einmal** (de novo; outra vez – advérbio)

Exemplos:

abgenert: völlig...abgenervt sein (von jm. etw) ugs. **Neol.** estar harto de algo, estar hasta las pelotas - huevos de algo *vulg* em português (*estar cansado, estar de saco cheio*). Meinst Du, ich könnte den Pet mal fragen, ob er mir seinen Wagen leiht ? – Besser nicht. Der Peter ist völlig abgenervt. Diese woche ist nicht ein tag vergangen, na dem nicht jemand gekommen ist und ihn gefragt hat: “Kannst du mir dieses, kannst du mir jenes leihen?”

angeknackst (etwas) **angeknackst sein** ugs *estar de capa caída*. Col. *Estar hecho una mierda pop*

... Sei dem Unfall im vergangenen Jahr ist der Otto Brachthäuser etwas angeknackst.-n Physisch? – Auch psychisch is ter nicht mehr so belastbar wie früher!

O *Novo PIP Dicionário de Provérbios, idiomatismos e palavrões em usos francês-português, português-francês* é da autoria de Cláudia Xatara e Wanda Leonardo de Oliveira. A obra em tela assume a função de um dicionário fraseológico de usos (Xatara, 2010: 14). Descreve três tipos de unidades lexicais: provérbios, expressões idiomáticas e palavrões com recorrência à sinonímia interlinguística. A primeira parte traz 450 provérbios atestados como frequentes no português do Brasil, suas variantes, quando também frequentes, e seus equivalentes na língua francesa (frequentes ou não). As EIs, ocupam a segunda parte do dicionário, as autoras apresentam apenas um recorte das mais frequentes (aproximadamente 2500 francesas e 1500 brasileiras), mas têm uma

microestrutura mais complexa, segundo Xatara (2010:380), organizadas por ordem alfabética da primeira palavra da expressão, nas direções, francês - português e português - francês.

As fontes são principalmente dicionários fraseológicos e dicionários gerais, mas na dúvida com relação à versão francês-português, se recorreu a informantes franceses. As autoras procuraram observar as marcas de frequência de uso, as marcas sociais e as de tempo, expressões arcaicas ou em desuso foram descartadas, apenas foi levado em conta o significado atual e o espaço. As expressões de ambas as línguas foram selecionadas sem contemplar usos particulares ou regionalismos. Com relação à contextualização, cada entrada é abonada por contexto extraído da *web*, por ser um corpus de extensa dimensão, ao contrário das bases textuais existentes em que essas lexias complexas e a linguagem tabu não aparecem com muita frequência, apenas aparecem uma vez em cada texto (Xatara, 2010, *idem*).

Exemplos:

feijão-com-arroz “algo comum rotineiro”. Mais uma vez, a Alemanha jogou seu futebol retranqueiro e *feijão-com-arroz*, fez um golzinho miserável e avançou na classificação [...]. (www.concatenum.com/?arquivo=2002_06;acesso em 23/04/04) = monnaie courante.

ficar com dedos “agir com cuidados para se relacionar com alguém”. Mas a opinião pública não entendeu por que o governo Fernando Henrique não teve escrúpulo de usar métodos condenáveis para evitar a investigação da banda pobre da administração federal e *fica com dedos* para conseguir do Congresso reformas que está devendo desde quando deu prioridade à reeleição em causa própria. (www.radiobras.gov.br/antiores/2001/sinopses_1305.htm; acesso em 11/05/05) = mettre dès gants.

mandar pentear macaco (mandar às favas; mandar catar coquinho; mandar chupar prego; mandar lamber sabão; mandar pastar [vulgar]; mandar tomar banho (na soda(acústica)) “livrar-se rispidamente de alguém importuno”. A “cura” ainda está longe. Até lá, o melhor a fazer, caro leitor, é assumir a careca e mandar os detratores dos calvos *pentear macaco*. (www.medicamentogenérico.org.br/template.php3?content_id=313061&type=L;acesso16/09/05) = *envoyer balader; envoyer paître; envoyer promener; envoyer sur les roses; envoyer valser*.

Observando detidamente alguns dicionários, percebe-se que seguem a regra segundo a qual o registro de uma expressão se dá pela primeira palavra, por ordem de preferência, substantivo, adjetivo, pronome e advérbio. Os autores normalmente não uniformizam a definição das subentradas. Enquanto uns preferem a base do sintagma

como descritor para iniciar a definição, outros preferem distinguir para cada subentrada um tipo de descritor para a definição. Dos seis dicionários analisados só um é dicionário geral (monolíngue), sobre o espanhol de Cuba, mas inclui um número extenso de EIs, embora se restrinja a colocar as expressões sinônimas, e não as apresente contextualizadas. No caso do dicionário temático (bilíngue) as locuções também não aparecem contextualizadas, mas nos dois casos as definições são claras e o consulente não encontrará muita dificuldade para entender seu significado idiomático e pragmático.

Em quase todos eles, o critério é a organização por ordem alfabética. As definições são claras, o que facilita a sua compreensão, como propõe Silva (2011). A maioria valoriza o contexto e uso das expressões. Todos os autores dos dicionários analisados se preocuparam com a questão da frequência e marcas de uso o que é conveniente para a dimensão pragmática dessas unidades. A quantidade de denominações que há para as UFs às vezes pode dificultar a sua compreensão, no caso dos dicionários pesquisados as EIs são denominadas de locução, frasemas, idiomatismos, fraseologismo, etc. Nesse sentido, isso remete à seguinte observação de Alvar Ezquerro apud Corpas (1996):

Cuando se está produciendo una profunda transformación en la lexicografía tanto en la teórica como en la práctica, los diccionaristas echan de menos que no se hayan delimitado y definido con claridad los diversos tipos de unidades fraseológicas, para saber cuáles habrían de aparecer en sus obras y cuáles han de ser el objeto de otra clase de repertorios: y las que se han ido incluyendo no responden a un programa metódico y coherente, sino a la buena intención y al saber hacer de los redactores de los diccionarios (Corpas 1996: 11)

As fontes utilizadas para a localização e seleção das expressões são dicionários e *corpora* e em todos os casos são usos atuais e frequentes.

Considerações finais

Muitas das UFs apresentam mais de um significado dependendo da intencionalidade e do contexto em que são utilizadas. Por exemplo, *por-se em pontas dos pés* que tem um significado literal – esticar-se para chegar a qualquer objeto que está muito alto – e um sentido figurado (metafórico) – fazer-se sobressair, fazer-se notar. Portanto, à dimensão semântica deve, ainda, acrescentar-se a dimensão pragmática das UFs que se prende

com fatores como a atitude do falante, a posição e a relação social/idade, a expressão de comportamentos, entre outros. É necessário conhecer também outras variáveis, tais como a intenção do falante, a força ilocutiva, etc. Deste modo, para poder interpretar essas unidades, temos que conhecer os pressupostos conversacionais, crenças dos falantes, intenções, regras de interação dialogal, etc.

Tristá (1998) ressalta a importância de estabelecer uma classificação eficiente de UFs que auxilie na sua inclusão e tratamento lexicográfico dessas unidades nos dicionários. Contudo, também é importante formular que critérios, pragmáticos, semânticos e gramaticais irão reger a inserção delas nos dicionários para facilitar a sua busca. Por outro lado, a definição deve ser clara e acessível. As marcas de uso são informações através das quais podemos saber se uma unidade lexical é usada em uma determinada região e o nível linguístico em que é empregada. Embora sejam informações essenciais, muitos dicionários as negligenciam ou as comunicam de forma incoerente.

Qualquer língua seria muito mais pobre sem as suas UFs. Elas dão vivacidade à língua, transformando-a num instrumento dinâmico, para adaptar-se a cada instante e ser o veículo de uma consciência social. Como afirmam Carvalho e Bagno (2011, p. 9),

o léxico: está sempre em processo de formação: a todo momento, novas palavras são incorporadas ao patrimônio lexical do idioma, assim como antigas palavras perdem e/ou ganham novos sentidos, decorrentes das práticas sociais da linguagem.

Isso quer dizer que no uso e no contexto as EIs idiomáticas poderão ser compreendidas no discurso em que tais unidades ocorrem. O dicionário é uma obra aberta, atemporal, suscetível de modificações em sua constituição, pois as palavras e frases nascem, desaparecem, transportam-se de uma língua para outra, movimentam-se de uma área para outra, modificam-se continuamente, uma vez que representam a cultura e o conhecimento de um povo. Ele não é um produto acabado, fechado, insensível às transformações, pois as influências culturais e linguísticas entre os povos existem e novas experiências humanas surgem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCARAZ, Rafael Camorlinga. 2006. Dicionário: alcance e limites. In: *Revista Fragmentos*, 30; pp.121-127.

ALVES, Cristina Fernandes. 2014. Inclusão e tratamento de unidades fraseológicas no Dicionário de Usos do Português do Brasil (2002). In: *Revista Domínios da Linguagem*. Vol. 8, No. 2, pp. 87-117.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. 1998. A face quantitativa da linguagem: um dicionário de frequências do léxico do português contemporâneo. In *Revista Alfa*, v. 42. São Paulo, pp. 161-181.

_____. 1999. Conceito linguístico de palavra. In: BASILIO, Margarida. (org.) *Palavra*. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional de Editores de Livros, pp. 81-97.

_____. 2001. Os Dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Campo Grande: Editora da UFMS, pp.131-144.

BORBA, Francisco. 1993. Roteiro para montagem de um dicionário de usos do Português Contemporâneo. In: *Estudos sobre Lexicografia*. Araraquara, v. 5, p. 7-32.

CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia; BAGNO, Marcos (Orgs.). 2011. *Dicionários escolares: políticas, formas e usos*. São Paulo: Parábola Editorial.

CASARES, Julio. 1950. *Introducción a la Lexicografía Moderna*. Madrid.

CORPAS, PASTOR, Gloria. 1996. Manual de fraseologia española. Madrid: Gredos.

GLUCKSBERG, Sam. 2001. *Understanding figurative language: from metaphors to idioms*. Oxford: Oxford University Press.

GRICE, Herbert Paul. 1975. *Logic and Conversaion: Syntax and Semantics III: Spee Acst*. New York: Academic Press.

HARTMANN, Reinhrad Rudolf Karl. 1983. On Specifying Context. How to Label Contexts and Varieties of Usage”. In: HARTMANN, Reinhrad Rudolf Karl (ed.) *Lexicography: Principles and Practice*. London: Academic Press, pp.109-119.

HERNÁNDEZ, Humberto. 1989. *Los diccionarios de orientación escolar*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.

JORGE, Guilhermina. 1997. Despedir-se à francesa/filer à l’ anglaise – Reflexões em torno da tradutologia das construções fraseológicas na perspectiva interlínguas. In: *Polifonia*. Lisboa, Edições Colibri, nº1, pp. 33-43,

_____. 2001. Algumas reflexões em torno das expressões idiomáticas enquanto elementos que participam na construção de uma identidade cultural. In: *Polifonia*. Lisboa: Edições Colibri, n.º v. 8, n. 2 pp.215-222.

KRZESZOWSKI Thomasz. 1990. The axiological aspect of idealized cognitive models. In: Tomaszczyk, Jerzy; Tomaszczyk - Lewandowska, Barbara (eds.). *Meaning and Lexicography*. Amsterdam: John Benjamin, pp.135-165..

LEME, Andreza da Costa. 2008. *Idiomaticidade e composicionalidade das expressões idiomáticas da língua inglesa: o significado na interface semântico-pragmática-etimológica*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS.

LEVINSON, Stephen. 1989. *Pragmática*. Barcelona: Teide.

MARRA RODRIGUES, Osvaldino. 2010. Esboço de uma inquirição filosófica, pragmático - expressivista da linguagem sobre as investigações filosóficas. In: *Nômadias. Revista Crítica de Ciências Sociais y Jurídicas* 25, pp. 209-223.

ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. 1998. Expressões idiomáticas: ensinar como palavras, ensinar como cultura. In: FEYTOR Pinto, Paulo & JUDICE, Norimar (org.) *Para acabar de vez com Tordesilhas*. Lisboa: Edições Colibri, pp.101-117.

_____. 2011. Quais critérios deveriam orientar os lexicógrafos na inserção da fraseologia popular em dicionários gerais? In: XATARA, Claudia Maria; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe Rene. *Dicionários na teoria e na prática*. São Paulo: Parábola, pp. 79-86.

PONTES, Antônio Luciano. 2009. *Dicionário para uso escolar: o que é como se lê*. Fortaleza: EdUECE.

RODRÍGUEZ REINA, María del Pilar. 2000. Cómo abordan la fraseología los diccionarios bilingües italiano-español del siglo XX desde perspectivas marinas. In: CORPAS, Gloria (ed.). *Las lenguas de Europa: fraseología, fraseografía y traducción*, Granada, Comares, pp. 321-345.

RORTY, Richard. 1992. *Wittgenstein e a virada lingüística*. Disponível em: http://portal.filosofia.pro.br/fotos/File/rorty_virada.pdf. Acesso em: 30 nov. 2015.

SILVA, Maria Eugênia Olimpo de Oliveira. 2011. Dicionários: armas de dois gumes no estudo da fraseologia: o caso das locuções. In: ORTÍZ ALVAREZ, Maria Luisa; HUELVA UNTERNBÄUMEN, Enrique (orgs.). *Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas*. Campinas: Pontes, pp. 161-182.

SCHMITZ, Robert. 2001. A problemática dos dicionários bilingües. OLIVEIRA, Ana Maria Pinto de; ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, Vol. 1, pp. 161- 170.

TAGNIN, Stella. 1989. *Expressões idiomáticas e convencionais*. SP: Editora Ática.

TRISTÁ PÉREZ, Antonia Maria. 1998. Organización do material fraseolóxico num dicionario seral: problemas e alternativas. In: FERRO, Xesús (ed.). *Actas do I Coloquio Galego de Fraseoloxía*, Santiago de Compostela.

TOSQUI, Patrícia. 2002. *Advérbios modalizadores: subsídios para dicionários bilingües*. Dissertação de Mestrado. UNESP, Araraquara.

XATARA, Cláudia. Maria. 1998. A tradução para o português de expressões idiomáticas em francês. Tese de Doutorado. UNESP. Araraquara.

_____. 1995. O resgate das expressões idiomáticas. In: *Alfa: Revista de Lingüística*, São Paulo, v.39, pp.195-210.

_____. 2010. Dicionários do GP “Lexicologia e Lexicografia Contrastiva”. In: *Filologia linguística portuguesa*, n. 12(2), pp. 371-387.

